

4

Conversa com disparadores

Se considerarmos a linguagem como um dos campos onde padrões coloniais se reproduzem, podemos considerar também que, neste campo, processos descoloniais podem ocorrer. Diversas batalhas já ocorrem na língua, lideradas na maioria das vezes por minorias sociais. Geralmente, essas batalhas disputam substantivos e adjetivos, por vezes criando neologismos (poliamor, veganismo), novas grafias para gênero (amigxs, amigues), vocabulário próprio (bajubá) ou até mesmo apropriando e ressignificando velhas ofensas (Marcha das Vadias). Além da disputa por substantivos e adjetivos, penso também em possíveis batalhas na estrutura gramatical, na sintaxe.

Surgiu uma oportunidade de fazer uma entrevista com Jimmie Durham no final de 2017. Um colega artista, Ícaro Lira, passou uma temporada na casa e ateliê de Durham e Maria Thereza Alves em Nápoles, e me convidou a preparar perguntas para juntos fazermos uma entrevista com ele. Para conversar com Durham, me pareceu necessário abandonar a lógica de perguntas e respostas, uma característica do pensamento ocidental apontada pelo artista como estrutural, e portanto, passível de abalar a arquitetura da “catedral”.

“Por mais de cinquenta anos, notei a existência de um problema de comunicação entre mim e pessoas europeias mas não podia identifica-lo. Apenas cinco ou seis anos atrás, percebi que não podia dar uma resposta direta a uma pergunta. Nos anos seguintes, fiz um experimento. A maioria dos meus amigos e amigas do ‘terceiro mundo’ (incluindo american’s nativ’s da América Latina mas não ‘s latin’s [de descendência espanhola]) não conversam com um método de pergunta-e-resposta. Todos os meus amigos e amigas europeias o fazem, ‘s anglo-american’s de forma mais agressiva e, claro, por terem ganhado tudo, mais barulhenta. As pessoas europeias acham (pra começar, elas acham que são ‘normais’) que não é possível conversar sem perguntas. A ‘Questão’ é glorificada da mesma maneira que a Crença.”¹

Aceitei o convite, e avisei que não faria perguntas. E como fazer uma entrevista sem perguntas? Achei melhor então chamar de “conversa com disparadores”. Propus escrever pequenos parágrafos a partir dos escritos de Durham para funcionarem como disparadores na minha ausência. Diagramei os

¹ DURHAM, J. *Various Items and Complaints*, p.122. No ensaio “Belief in Europe”. Tradução minha.

parágrafos em retângulos verticais, como se fossem cartas de baralho, e pedi que Ícaro os imprimisse e recortasse. Assim, Durham poderia sortear, jogar, e comentar, se quisesse. Minha intenção foi preparar um sistema mais aberto e lúdico, menos inquisitivo ou confessional. Além das cartas para corte, enviei também uma carta de apresentação com a qual convidei Durham ao jogo.

Antes de enviar a proposta de conversa com disparadores, imaginei que minhas cartas estariam por perto durante um bate-papo entre eles e que elas poderiam funcionar como interrupções ou desvios. Ícaro, no entanto, assumiu uma postura de mediador e deixou que as cartas falassem diretamente com Durham. Outr's hóspedes chegam durante o jogo. Quatro cartas são comentadas antes do jantar, e a última, logo após. A conversa com disparadores a seguir, por mim transcrita e traduzida, aconteceu no dia 14 de novembro de 2017, em Nápoles.



As cartas com os disparadores, Jimmie Durham e o gravador. Foto: Ícaro Lira

4.1

Carta 1

Fiquei impressionada com a transcrição de seu discurso no Fórum Mundial Social. Aquela fala sobre como os povos indígenas no Brasil são considerados pelo Estado menos que humanos é muito chocante. Eu pesquisei: a Constituição não me é muito clara, um novo Estatuto dos Povos Indígenas foi escrito, mas nunca implementado, então eu não conseguia saber se aquela situação ainda era a mesma. Então perguntei ao professor Casé Angatu, habitante de uma reserva tupinambá na Bahia, e ele confirmou que os povos indígenas no Brasil ainda são considerados “incapazes”, como crianças, e por isso precisam de um tutor para acompanhá-los se quiserem viajar ao exterior, ou até para comprar uma camisinha!

Ah, isso foi em Porto Alegre...

Eu tenho um amigo que é comanche. Ele foi enviado pelo nosso American Indian Movement para a Guatemala e muit's indígenas vieram ver o “Índio de verdade”. El's são tod's indígenas na Guatemala, mas ser comanche era mais real por causa de Hollywood, só por causa de Hollywood. E é assim até para nós nos EUA. 'S índi's nos EUA acham que el's são mais verdadeir's do que 's índi's no México, ou Canadá, ou Brasil, ou Guatemala, por causa de Hollywood, por causa dos filmes de cowboy – que são contra nós, esses filmes são contra nós.

Nestes dois continentes das Américas, nós temos uma situação que inventou o mundo em que vivemos, que inventou o mundo contemporâneo 500 anos atrás: a colonização. Nós vivemos num tempo de colonização, não pós-colonial, apenas colonial. O fato é que a Índia se tornou descolonizada pela extrema bravura de sua gente, e que a África fez o que pôde para se descolonizar, daí os poderes ocidentais partiram pra cima de modo que novamente ela é colonizada à distância. Todos pensam sobre esta parte do mundo e não nas Américas. Eu ouvi, e Maria Thereza especialmente ouvi de pessoas no Brasil, que não pode haver colonização no Brasil pois isso significaria algo muito estranho. Significaria que os povos nativos do Brasil, os indígenas do Brasil, teriam direito originário, que seria primeiro o país deles antes de qualquer outro. E para 's brasileir's isso soa tão impossível que el's simplesmente dão risada. Mas, o fato de que dois continentes de gente foram

invadidos pela Europa e que em cada país nós perdemos mais de 90% de nossa população não significa que nós temos que abrir mão dos nossos direitos. Pra mim isso quer dizer o oposto. Nós temos que continuar lutando, e minha ideia é vitória total. Eu nunca desisto da luta. Esta tem sido a ideia de minha família por 400 anos, portanto é meu dever mantê-la. E o que vai ser a vitória total agora no século XXI ou no século XXII, quando ela poderá ocorrer? Eu acho que podemos conseguir uma vitória total no século XXII, por que não? Senão, então no século XXIII, e senão, então no século XXIV, mas venceremos. Nós vamos conseguir uma vitória completa. E a maneira de consegui-la não é enviar pessoas de volta para a Europa ou pra África, e sim remover os países e trazer de volta, não nossos sistemas antigos, mas um novo sistema que inclui a tod's de maneira mais igualitária.

[uma mulher entra na sala]

Nós estamos jogando um jogo de cartas para um gravador de áudio. [risos]

Por causa da natureza da colonização, os Estados-nação que foram inventados pela colonização são os mais fanáticos quanto a serem Estados-nação. A própria Europa, inventora desses Estados-nação, está lentamente percebendo que eles não são mais uma ideia tão boa. Eles serviram a um propósito na Europa em certa época, eles nunca serviram um propósito nas Américas, apenas o propósito da exploração, do genocídio e da escravidão. Eles não tinham outro propósito nas Américas. Mas é nas Américas onde este super-patriotismo é lei, você tem que amar seu país ou você será morto [risos]. Você deve amar seu país. Já na Europa as pessoas dizem: "hum, ok, talvez eu seja italiana, talvez eu seja europeia, quem se importa?" Portanto, a maneira com a qual vou fazer essa vitória total: os Estados-nação das Américas precisam desaparecer, e o que deve retornar são as regiões ambientais, regiões onde as pessoas têm suas vidas na terra. Desta forma, as pessoas não são patrióticas e sim leais à sua terra. São leais às suas plantas, suas pedras, seus animais, seus irmãos e irmãs. Elas são leais à vida, e não à morte do Estado. É um absurdo mortal.

Ele me dá uma carta e eu digo algo [risos].

[mulher] *É um jogo bacana. Você pode dizer qualquer coisa?*

Sim, você pode... eu posso. Acho que ele não é um policial. [risos]

Quando você vai pra Índia, ou China, há muitas pessoas, elas tentaram muitas vezes fazer revoluções mas não puderam, por causa desta questão. França, Itália, Alemanha, Bélgica, Holanda, Inglaterra, Irlanda, Escócia, Suécia, Dinamarca, Noruega tinham as Américas. Então, toda vez que 's pobres ou 's trabalhador's começavam a fazer uma diferença, el's eram enviad's para as Américas, eram enviad's ao Brasil, aos EUA, ao Canada, México. A razão para a Europa ser tão doce e civilizada é porque el's ficaram mandando pessoas para as Américas, e então pra Austrália, e pro Pacífico Sul se forem frances's. El's sempre tiveram uma válvula de escape: quando a pressão subia muito, enviavam pessoas para outro lugar. Mas 's chines's não podiam, até muito tempo depois, daí el's começaram a fazer isso porque a Europa precisava de trabalhadores.

Então, isso é o que eu queria dizer nesta primeira questão respondida, nós vivemos em um tempo colonial, não pós-colonial. Porque, se as Américas não são colonizadas pela Europa, o que elas são? Todos nós dizemos que elas são colonizadas, o que estamos dizendo? Dizemos que 's índi's, nativ's, povos indígenas das Américas, não importam muito como seres humanos. Isto é algo estranho de se dizer, hum? Isto não é algo muito intelectual. Mas há evidências, como a história da borracha, do ouro, do petróleo e tudo mais, tortura e mais tortura e mais tortura para tirar a riqueza da terra.

Eu tenho uma nova questão aqui. [risos] Eu não vou ler as questões em voz alta, vou apenas dar uma resposta que tenha mais ou menos a ver com a questão sem dizer o que ela é, acho que assim vai funcionar melhor [risos].

4.2

Carta 2

Quando leio seus argumentos sobre a Eurasia e suas fronteiras, eu penso nas Américas e em como nós nomeamos cada uma de suas partes. Eu acho bastante irritante o fato das pessoas dos EUA se chamarem de “americanas”. Todas as pessoas de todas as Américas são também americanas afinal. Por que elas podem ficar com o nome pra elas? Algumas pessoas têm usado o termo “estadunidense” aqui no sul, algo como “*unitedstatians*”. No entanto, o próprio termo América é um grande absurdo, assim que ultimamente tenho me perguntado se não seria melhor simplesmente desnomear a coisa toda ao invés de ficar brigando pelo termo geral.

Nós temos um amigo no Equador com um belo nome: Anpan Karakras. É um belo nome, hein? Karakras. Ele é um líder do povo shuar, são conhecidos por serem bravos guerreiros do Equador, na floresta. Existem alguns no Brasil também, eu acho, certamente no Peru. Não sei onde mais, mas eles estão na região amazônica de qualquer forma. Ele estava em Berlim com a gente, nós o convidamos a Berlim. Maria Thereza o conhecia há mais de 30 anos, acredito, mas eu sabia quem ele era desde os anos 70, no American Indian Movement. Mas em Berlim, ele disse: “Por que nós das Américas não podemos ser chamad’s pelo que somos? Por que tem de haver algo geral ao invés? Por que nós shuar não podemos ser chamad’s de shuar no mundo? Assim como os franceses são chamados de franceses e os italianos são chamados de italianos? Por que ‘s comanches não podem ser ‘s comanches, por que nós temos que ser ‘s indígenas american’s, ou os povos indígenas? Por que tem de haver essa coisa especial?” – diz ele. Eu havia pensado nisso antes mas nunca havia pensado nisso tão bem e de forma tão clara quanto Anpan. Mas é verdade, e na África também. Eu conheço um homem em Londres, John Okomfrah, um cineasta, mas ele é de Gana, ele é do povo Ga de Gana. Ele diz que eles não são o povo conhecido mas eles são aqueles que fazem tudo funcionar em Gana. Mas não foram as pessoas de Gana que fizeram Gana, foi o colonizador, o europeu é quem fez o país se chamar Gana, o país se chamar Quênia, o país se chamar Camarões, o país se chamar África do fucking Sul. África do Sul, que ideia...O que me faz lembrar de uma bela canção de um cantor afro-americano chamado Bo Diddley, ele canta a música e diz “eu sou da América do Sul”.

*América do Sul? De que parte da América do Sul? “Do sul de Houston”.
Maravilhoso!*

Mas pra responder sobre América, todo mundo sabe que a América foi nomeada a partir de um cartógrafo italiano chamado Américo Vespúcio. Mas não é verdade. Realmente não é verdade. Existe um lago na Nicarágua chamado lago Américo. Vespúcio se chamava Alberigo, ele viu o lago e tomou seu nome. Ninguém sabe disso! Mas um jamaicano chamado Jan Carew foi a Toledo ou algum outro lugar na Espanha e pesquisou todos os registros, ele encontrou os diários de Vespúcio nos quais ele muda de nome.

Não deveria haver nenhum país no mundo. É uma velha ideia estúpida. Se você olhar para Israel e a Palestina... judeus e judias na Europa foram tratad’s terrivelmente por dois mil anos, com assassinato e genocídio por dois mil anos. Então el’s conseguem um pouco de terra na Palestina e se tornam tão assassin’s quanto a Europa. Porque el’s são um Estado, não porque são judeus e judias, mas, por serem um Estado-nação, se tornam assassin’s. Sendo assim, ajudaria mesmo ‘s palestin’s se el’s tivessem um Estado-nação chamado Palestina? Eu penso nisso porque meu trabalho no American Indian Movement era conseguir reconhecimento nas Nações Unidas. Se em algum momento os EUA e a Organização dos Estados Americanos e esses absurdos todos dissessem: “Ok, a Nação Cherokee é uma Nação livre, agora vocês são uma Nação independente”, isso teria sido nossa morte, teria sido uma derrota muito rápida. Você é uma pequena: você tem que ter passaportes, você tem que ter armas, você tem que ter fronteiras, você tem que ter selos, você tem que ter esse kit de Nação, mas é um kit velho e estúpido. Nós não deveríamos ter esses kits, eles são muito velhos.

Noite passada estávamos conversando sobre Umberto Eco e seu livro chamado “O Cemitério de Praga”. Os italianos ainda pensam sobre, não é nem uma região, sobre toda pequena parte de cada região. É porque a Itália nunca concordou em ser Itália. Se a área ao redor de Marselha e Aix-en-Provence se tornasse não um Estado-nação mas uma região livre, num mundo onde há um governo mundial e o governo mundial é feito de representantes de regiões...el’s fazem tipos de queijos muito especiais hoje. Se el’s fosses livres da França, não parariam de fazer queijo, el’s provavelmente fariam ainda melhor. El’s não deixariam de fazer bom vinho, provavelmente fariam melhor. Se cada região no mundo fosse livre deste “Estado-nação”, elas poderiam ser livres para serem aquela região. Elas não iriam parar de fazer o que estavam fazendo, elas provavelmente fariam tudo melhor em toda parte. Quando o México passou a ser

o México moderno, ele mudou seu nome e agora o nome oficial do México é Estados Unidos do México, em cópia aos EUA, para que parecessem sofisticados e contemporâneos como os EUA.

América [risos]. América...eu nunca digo que sou da América, eu sempre digo que sou dos Estados Unidos, exceto no táxi, lá eu sempre digo “Canadá” porque assim ninguém faz perguntas. Se você está num táxi: “De onde você vem?” – “Dos EUA.” – “Oh, e o que você acha do presidente?”. Mas se você diz “Canadá” ninguém diz “Oh, e o que você acha do presidente?” [risos].

[mulher] De alguma forma, sempre há essas coisas sobre a terra e sobre a ideia da terra.

E o Estado-nação nunca tem uma ideia da terra, especialmente nas Américas porque nas Américas os povos europeus trouxeram coisas europeias pra terra. Nos EUA, eu acho que é a música nacional deles, não tenho certeza, a música diz: “Oh céus espaçosos e ondas âmbar de verde”. Isso significa “campos de trigo” pois pessoas europeias precisam de pão. Mas a maioria das pessoas nas Américas são alérgicas a trigo [risos] e não gostam de trigo, e ele realmente não é bom pra terra, não é bom pros animais, não é bom pro solo, é uma coisa europeia e certamente não funciona nos EUA. Existe uma grande área chamada de “Grandes Planícies”, que vai do norte do Canadá até o México, e agora é toda trigo e algodão, coisas europeias. Mas costumava ser como os estepes africanos. Um lugar super mágico com tantos tipos de animais, tantos tipos de pumas e jaguares, e búfalos, e antílopes, e lobos, e coiotes, e todos os tipos de cobras, todos os tipos de coisas mágicas, uma área simplesmente mágica, e o mato natural crescia bem bem alto como uma floresta. Agora é tudo...trigo, tudo é...terra de cinema estúpido para fazer filmes sobre bandidos.

Enquanto eu vejo outra questão, Elisa, você pode pegar uma colher de pau e mexer o negócio na panela grande, e colocar um pouco d’água para que a água chegue ao fundo, e então abaixar bem o fogo para que a gente possa comer o frango? Na panela vermelha, estou fazendo um cozido de azeitona, fique à vontade. É de azeitona e terra. É pra fazer tinta, não é pra comer [risos].

4.3

Carta 3

*Gado usdi hia?*² – bem, acredito que isto não seja realmente coreano. Que intrigante! É um belo desafio imaginar uma língua sem “isto” ou possessivos. Eu gostaria de poder falar tal língua. Isso me lembra o ensaio “An American Indian Model of the Universe (Um modelo de universo ameríndio)” de Benjamin Lee Whorf. Ele procura descrever como a língua hopi manifesta um entendimento completamente diferente de tempo-espaço, onde a maioria das palavras metafísicas são verbos ao invés de substantivos.

Nós falamos sobre isso ontem à noite, sobre coreano [risos].

[homem] Olá, o que é isso?

Ícaro está jogando um jogo comigo. Ele me dá uma carta com dizeres acerca de meu trabalho ou algo assim.

É sobre o que estávamos falando ontem à noite. Eu escrevi um texto em cherokee e Bart De Baere³ disse: “Fala que é coreano, não fala que é cherokee”. [risos] Falamos disso ontem... tem um novo movimento, especialmente nos círculos intelectuais dos EUA, mas é uma ideia errada, de que línguas diferentes fazem as pessoas verem o mundo do modo diferente. E todos os intelectuais no EUA estão dizendo agora: “não, todos nós vemos as coisas da mesma forma, nós falamos igual, você pode traduzir qualquer língua para outra”. Era disso que falávamos na noite passada. Não apenas o cherokee, mas tenho certeza de que todas as línguas nativas das Américas não podem ser traduzidas para idiomas europeus. Eu realmente penso que não se traduzem. Eu não posso traduzir nada do cherokee para o inglês ou francês, ou espanhol, o qualquer coisa assim. Então você faz como quando tenta traduzir poesia, você faz a melhor aproximação que pode, eu acho. Mas o mundo conhece o mundo agora através de línguas europeias porque os filósofos, a ciência, os livros, os filmes, tudo tem sua definição em línguas europeias. E todas essas línguas europeias têm essa coisa em comum que a maior parte do mundo não tem. A maior parte do mundo não tem um sistema onde o substantivo é o fundamento da frase. Aposto que é assim na Coreia também. O substantivo, o objeto, não é o centro da frase. O centro das frases em línguas ameríndias é o verbo. O verbo é a parte ativa,

² Cf. nota 122. Este é o título do ensaio no qual Jimmie Durham comenta as características de um idioma, que ele diz ser coreano.

³ Curador e escritor belga.

então as coisas giram ao redor do verbo [risos]. Desta forma, tudo é mais específico e mais ativo ao mesmo tempo. As línguas europeias têm a tendência e sempre parecem, para muitos de nós, serem sobre, bem, não exatamente um estado de morte, mas algo bem próximo de uma morte, onde tudo é apenas uma coisa.

Bart De Baere me disse “não fala que é cherokee porque todo mundo diz ‘oh, um idioma ameríndio, uhhhh, uhhhh’. Então tire o romantismo e fala que é outra coisa, fala que é coreano” [risos]. Então eu disse “ok, vou falar que é coreano”. Mas eu tenho muit’s amig’s corean’s e el’s dizem “Não, não é coreano” [risos]. Mas quando penso nisso depois, porque isso foi há mais de vinte anos, o que eu queria fazer era mostrar que os povos indígenas das Américas têm a suas próprias línguas e elas são muito mais sofisticadas do que essas línguas europeias primitivas. Era isso que eu queria mostrar. Eu deveria ter deixado em cherokee, eu deveria ter dito ao mundo “isto é o idioma cherokee”. [risos]

Eu adoro a língua inglesa porque ela é tão estúpida. Eu tenho um assistente, um alemão na Alemanha, Kai. Eu escrevo notas pra ele, e em inglês você pode escrever tudo errado mas quando você lê em voz alta, o som sai o mesmo. Quando você vê escrito, não é o mesmo. Ele está agora um pouco mais acostumado comigo. Eu perturbava ele muito. [risos]

Penso que diferentes modos de linguagem fazem as pessoas agirem diferentemente no mundo, e eu não acho que isso nos melhora muito. Eu penso que os seres humanos são muito maus, não são um bom grupo de animais, eu acho que são todos loucos. Uns mais loucos que outros.

[homem] *E você escreveu isso?*

Não, uma amiga do Ícaro no Brasil as escreveu pra mim, pra eu comenta-las. [risos] É uma mulher que está me estudando na universidade.

4.4

Carta 4

Em *Between the Furniture and the Building* (Entre o móvel e o imóvel) há um capítulo sem título no qual você fala sobre arte e escultura, e emprega a analogia de tradução para o processo criativo. Nele, você fala sobre objetos de arte que são tradutores ao invés de traduções. Isso me fez pensar sobre arte como agência ao invés de resultado.

Como eu estava falando sobre linguagem, então vou responder essa questão falando ainda sobre linguagem, eu devo ter escrito mais sobre isso, não tenho certeza.

Linguagem nos diz que não podemos pensar sem linguagem, e que a linguagem nos dá significado. Mas isto é apenas a linguagem mentindo pra gente, não é verdade. Se pensarmos bem, sabemos que não é verdade.

Se pensarmos em música...se você escutar uma boa música de Villas Lobos, Beethoven, Scriabin, você nunca vai se perguntar ou a qualquer outra pessoa “o que isso significa?”, e você nunca vai tentar explicar aquilo em linguagem. Mas assim que você escuta, você sabe que tem sentido pra você, que tem significado intelectual para você, tanto quanto linguagem mas não é linguagem, está longe da linguagem, não tem nada a ver com linguagem. Então, pra mim, essa é a primeira prova de que a linguagem mente pra gente. A linguagem diz “porque temos linguagem, nós somos superior a tod’s ‘s outr’s”, “porque temos linguagem, podemos pensar”. Porém, de fato, tod’s ‘s outr’s também pensam, todos os animais pensam, e nós pensamos intelectualmente com música e nós pensamos intelectualmente com arte. Artistas já sabem disso, assim como musicistas sabem que suas composições musicais não precisam de linguagem, artistas também sabem. Se você faz algum trabalho de arte você sabe que não pode haver um significado ou uma descrição linguística que seja suficientemente completa, pois é apenas conversa ao redor dele. Uma das coisas que eu gosto em fazer arte, se eu faço uma escultura e ela é boa para alguém, ela tem todos os tipos de níveis e camadas de sentido.

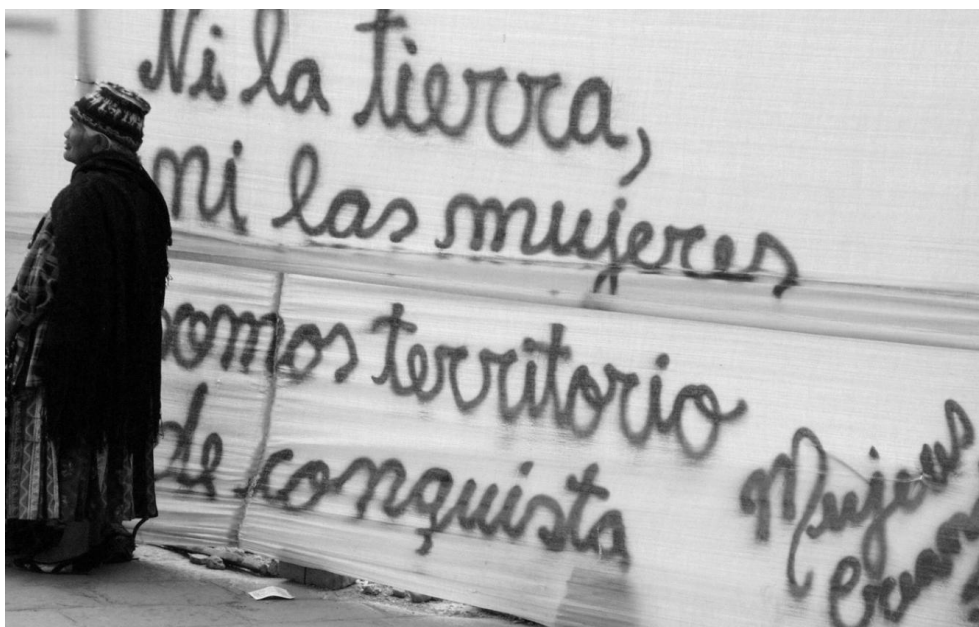
Aquilo que esta escultura significa, de um modo escultórico, nunca poderia significar em linguagem. Não há linguagem alguma que diga o que uma escultura quer dizer, não há linguagem alguma que diga o que uma música quer dizer. Linguagem fala “só a linguagem significa”. Nós, como artistas e musicistas, sabemos que a arte tem significado intelectual, distante da

linguagem. A linguagem é uma das coisas que fazemos. Não é o que nos prova, não é nosso máximo, não é nosso sucesso no mundo evolutivo dos animais, é apenas uma das coisas que fazemos. E nós perdemos um bocado por faze-la. Outros animais tem tantas maneiras de saber como eles e nós estamos, como nos sentimos, e quais nossas intenções em relações a eles, sem terem algo verbal. Especialmente os cavalos, eles leem cada gesto mínimo, cada postura mínima, cada cheiro mínimo, eles nos leem por completo, porque eles precisam.
[risos]

4.5

Carta 5

A artista María Galindo afirma que não pode haver descolonização sem despatriarcalização⁴. Li, em um artigo, que o gesto de mostrar o dedo do meio vem desde a Grécia Antiga⁵. Sempre me intrigou como este gesto demonstra ser amplamente aceito que a genitália masculina funcione como um instrumento para ofender e até mesmo para violência. O artigo também diz que vinte anos atrás este gesto não significava nada na Coreia ou no Japão. Será que eles tinham outro gesto fálico para ofenderem uns aos outros? Eu gosto de que quando você dá conselhos aos rapazes com o poema “The Penis Mightier Than the Sword”⁶, o pênis ali está, no entanto, em uma posição bastante vulnerável, enquanto a vagina é o verdadeiro centro do mundo.



Mujeres Creando, ação de rua, Bolívia, sec. XXI

[Ícaro] *Pode responder esta?*

⁴GALINDO, M. *Descolonizar el museo*. 00'40"–55'13". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pg8qf9NhcbM&t=23s>>. Acesso em: 29 jan. 2018. María Galindo é artista, anarcofeminista e escritora boliviana, co-fundadora do coletivo Mujeres Creando.

⁵LAMOUREUX, M. Vice. Disponível em: <https://www.vice.com/en_ca/article/vb3xx3/the-long-angry-history-of-flipping-the-bird>. Acesso em: 5 nov. 2017. No artigo “The Long, Angry History of Flipping the Bird (A longa e raivosa história de mostrar o dedo do meio)”. Tradução minha.

⁶DURHAM, J. *Poems That Do Not Go Together*, p.119,120. O poema “The Penis Mightier Than the Sword [Advice for Young Men] (O pênis mais poderoso do que a espada [Conselho para rapazes])”. Tradução minha.

Acho que não consigo, outro dia. Muito vinho...Mas esta é uma colocação muito boa!

Ok, eu vou começar a responder esta questão agora. Vou pegar uma água, talvez precise de mais vinho.

Quando eu olho para as letras europeias, vejo que há duas coisas diferentes. É um punhado de pauzinhos, você põe um assim, dois assim ou três assim, ou dois assim e três assim, você pega todos eles palitos e faz coisas diferentes. O outro sistema é como uma cobra, você faz um círculo...Mas os dois são desenho, a gente acha que não é desenho, a gente acha que é só escrita. Só que obviamente eles são desenhos. [risos] Toda vez que escrevo eu penso que estou desenhando uma letra agora.

Mas, de volta a este pequeno ensaio bacana: eu não me sinto confortável falando sobre coisas chamadas de feministas. Não acho que sejam coisas feministas, eu acho que são coisas humanas que têm a ver com homem e mulher. Ao dizermos que são coisas feministas, quer dizer que são coisas para as mulheres pensarem. E que se nós homens pensarmos sobre elas estaremos sendo tipicamente arrogantes. E eu acredito nisso, penso que é verdade. Eu penso que se eu começar a falar sobre coisas feministas...nós não precisamos de outro macho especialista em mulheres, certo? [risos] De forma alguma. Sobre esta situação de homens e mulheres, não é para os homens falarem sobre, é para as mulheres falarem. Porém, por ser uma situação humana, os homens também devem falar sobre isso. Se nós não falamos sobre, daí dizemos “ah, sim, isso é assunto para as mulheres” de uma maneira ruim e não de uma maneira respeitosa. Mas eu não sei o que fazer com esse dilema, com essa armadilha. Eu não quero falar ou escrever sobre esta situação, e ao mesmo tempo eu realmente gostaria porque nós vemos que o patriarcalismo – homens no comando – é destrutivo, estúpido e contra a humanidade, contra um futuro que nós poderíamos estar vivendo. Enquanto os homens estiverem no poder, nós estamos impedindo nosso futuro de acontecer porque permanecemos nesse mesmo velho absurdo.

Esta mulher diz que não há fim para a colonização até que haja o fim do patriarcalismo. Para mim, isso é obviamente verdadeiro. Esta é a verdadeira luta, a de que devemos nos tornarmos melhores. É isso que eu acho que nós deveríamos estar fazendo com nossa ciência, nossa arte, nossa literatura, nosso intelecto: como melhorar a nós mesmos, como melhorar a humanidade, torna-la mais livre, inteligente, mais intelectual e mais fucking bacana. [risos] Porque senão...bem, nós vemos o que fizemos ao mundo, o que fizemos com nossas

sociedades e com todas as outras sociedades de animais e plantas, nós estamos simplesmente destruindo tudo. Quando olhamos para o resto do mundo animal, nós vemos que existe uma luta constante das fêmeas para manter os machos sob controle, pois os machos são destrutivos e idiotas.

Eu vou parar agora e dizer esta fala que eu ia apresentar em Zurique, mas eles não quiseram em Zurique:

Para fazer nossa ciência melhor nós temos que dizer cientificamente para nós mesmo a todo o momento “nós somos animais”. Nós não somos não-animais, nós somos animais, nós não somos não-animais. O que a ciência tem feito desde que existe ciência é tentar provar continuamente que nós não somos animais! Isso não é científico. Realmente, não é científico. Científico é dizer: “sim, nós somos animais, somos um tipo específico de animais assim como todos os outros tipos de animais são animais específicos”. Não somos chimpanzés, não somos cavalos, somos humanos. Este é o tipo de animal que somos, e não um tipo de não-animal. Sendo assim, quando fazemos ciência nós devemos sempre dizer “isto não é ciência pura, isto é ciência de macaco” [risos]. Nós somos um tipo de símio, um tipo de macaco. Não é “matemática pura”, não é “física pura”, nós não sabemos o que pode haver no mundo, como pode existir algo assim? É “física animal”, é “física humana”, e a animalidade humana de nosso intelecto significa que fazemos isso especificamente como este tipo de animal, como um primata, como um macaco. Não um outro tipo de macaco mas o macaco humano – nós, não algum outro, não um chimpanzé, não um babuíno, não um cavalo. Quando você lê literatura científica, um entre dois artigos é sobre “o que faz os humanos diferentes dos animais?”. Cientistas nunca param com isso, amam escrever sobre, e discutir: “Oh, é a linguagem, nós somos os únicos animais que têm linguagem! Nós somos o único animal que faz isso, nós somos o único animal que pode....tão estupidamente!”. Isso não é científico, em realidade isso é anticiência. Assim que ninguém quer que eu dê esta palestra mas eu quero, algum dia.

Se nós olhássemos para dentro de nós mesmos de maneira bem séria enquanto animais, poderíamos ver nossa loucura como loucura de macho, na maior parte. Eu cresci com animais e sei que o bode é um monstro. Um bode vai tentar cruzar com uma cabrita quase bebê, e a mãe tem que continuamente proteger as cabritinhas dos bodes adultos, constantemente, constantemente. Acontece o mesmo com gatos, exceto que os gatos não são tão sociais. Isto acontece em todo mundo animal. Quando falamos em pedófilos e estupradores, imaginamos que seja algo especificamente humano. É especificamente macho,

os animais machos fazem isso, os machos mamíferos são simplesmente monstros. Nós estamos aqui neste esquema evolutivo para lutar, para proteger o grupo, para lutar uns com os outros, todos os animais fazem isso, todos os animais machos brigam uns com os outros. Se você pegar o crânio de um cavalo, você pode sempre saber se o cavalo morto é macho ou fêmea porque o cavalo macho, bem aqui atrás de sua cara comprida, tem duas grandes presas, dois dentes longos que você não vê de frente. Ele tem esses dentes para lutar com outros cavalos machos, eles mordem os pescoços uns dos outros com essas presas longas horríveis. Todos os ungulados, em todos os animais com chifres, os chifres existem primeiro para lutar com outros machos da mesma espécie e, em segundo, para proteger o bando. E já que estão lá pra proteger o bando, então ele parece bacana pro grupo, ou seja, para as fêmeas.

Eu realmente penso assim. Se admitirmos e simplesmente vemos cientificamente que somos animais típicos e não animais especiais, apenas um tipo específico sendo que todos os animais são um tipo específico, todos os animais são diferentes uns dos outros, não é nada de mais, é só o que acontece. Se nos víssemos dessa forma, então perceberíamos que devemos usar nosso intelecto para descobrir como melhorar, não apenas nossas vidas mas nossa forma de ser enquanto animais, como a espécie predadora dominante no mundo, porque estamos fazendo muitas coisas destrutivas pro mundo inteiro. É porque os machos humanos imbecis dominaram tudo.

Toda nossa literatura, tudo nosso é sobre transcendência: como se afastar de tudo isso, como ir ao céu, em outras palavras, como ir ao paraíso, como chegar ao nirvana. Isto é uma idiotice de macho. Isto é um absurdo ridículo. É a mesma coisa que se recusar a cuidar do bebê enquanto macho, se recusar a limpar a casa enquanto macho, se recusar às coisas do cotidiano, é exatamente a mesma coisa, é isso que a religião é. “Nós não queremos nos aborrecer com isso, nós vamos pro céu. Nós não queremos lavar a louça, nós não temos que fazer nada, nós vamos pro céu.” [risos] Esta não é a situação das fêmeas humanas enquanto espécie animal. Geralmente é mais como fazer a vida melhor, como fazer as coisas melhores, e não como transcender, não como sair de casa e ir pro bar. [risos]. Isso é o que transcendência é.

Ok, é isso.

[mulher] Então mostrar o dedo do meio não queria dizer nada na Coreia e no Japão vinte anos atrás?

E certamente não há nada assim na linguagem d's índi's american's enquanto cultura que eu saiba, não há nada assim.

[mulher] *Então isto é só europeu?*

Não, pode ser de muitos lugares. Em todo lugar que você tem idiotice de homem, porque nós, realmente, nós não deveríamos estar no comando de nada. Não funciona. [risos] Qualquer pessoa pode ver. Qualquer cientista deveria poder dizer: “hum, ok, o principal problema é que os machos da espécie estão estragando tudo”. É tão óbvio! Mas os cientistas são esses idiotas testiculares na maioria das vezes, então eles dizem: “Está tudo indo bem! Nós vamos pra lua!”.

[mulher] *O problema é que muitas mulheres também estão se tornando testiculares.*

Este é o problema da colonização. Tentar ser como seu opressor de modo a poder ter sucesso de alguma forma. É algo clássico na colonização. Mas isso é... isso é Margaret Thatcher, isto é aquilo de tentar ser como os homens só que ainda mais durona, mais homem do que o homem pode ser. Não é grande coisa, qualquer um pode fazer isso, penso eu, qualquer criança pode fazer isso. Não requer tanto. Se você tiver uma arma, ajuda, eu acho.

Existem índi's no Panamá, 's índi's Guna, el's são marinheir's, são navegador's. El's sempre tiveram uma sociedade matriarcal. Eu conheci três mulheres em Nova York que eram Guna, elas tinham o próprio grupo de teatro, um belo grupo de teatro. Talvez tenha ouvido delas, ou talvez de outras Gunas pois estive no Panamá...: se uma Guna quer fazer algo com um homem, ela simplesmente pega o pênis dele como sinal. [risos]. É um sinal bem claro, né? Mas um homem não pode fazer algo assim com uma mulher, não acontece.

Eu estava tentando responder estas questões sem me referir a elas, de forma que minhas respostas fossem respostas no ar, sem questões.

4.6

Após a escuta

Sem questões. Terminou assim nossa conversa sem perguntas. (Obrigada, Jimmie Durham!). Creio que, por força do hábito, ele chama meus disparadores de questões, apesar de nem terem interrogações. Acredito que se Ícaro e ele estivessem conversando, a puxarem uma carta ora aqui ora ali, elas pudessem se parecer menos ainda com questões, e mais com interrupções. Porém, acredito que no decorrer do jogo ele foi percebendo a diferença, tanto que ele chama a última carta de “pequeno ensaio”. Em sua última frase, ele conta como colaborou com a dinâmica, tendo assim evitado a autoridade das questões e verbalizado para o gravador apenas seus comentários, para que eles fossem livres, no ar.

Ouvir e transcrever: esta conversa me permitiu uma experiência diferente com as palavras de Durham, já que, até então, eu apenas lera seus escritos. Da retina pra o tímpano, o bom-humor dele se torna ainda mais evidente. Sua fala pausada e clara, num cotidiano ativo e cercado de pessoas. Nada mal para um senhor de 77 anos.

Seus comentários sobre uma descolonização no Brasil confirmaram declarações anteriores. Vivemos um tempo colonial, não pós-colonial, e descolonização é algo muito difícil de ser admitida no Brasil. A transformação social por aqui será ainda mais difícil, uma vez que o próprio Estado brasileiro foi constituído com estrutura colonial. Daí a importância em usarmos os termos certos: não podemos chamar de “pós” um estado de coisas que ainda perdura se queremos mudanças.

Outro ponto importante levantado por Durham foi o da importância da autodenominação. Se por um lado muitos grupos não têm o poder de se autodenominarem (como o povo shuar), por outro há aqueles que não só podem fazê-lo como podem até apropriarem nomenclaturas alheias (Alberigo/ Americo). A disputa pelos nomes é uma das batalhas que ocorrem nas línguas, seja nome tribal, nome social, nome artístico, nome de solteira, o nome que bem entender. Autodenominação carrega o direito à existências diversas. Já disputas por nome da nacionalidade busca uma unicidade a partir da exclusão, gerando limites e violência. Quanto ao sonho de um mundo de regiões ambientais sem fronteiras estatais, conforme ele descreve, podemos reconhecer possíveis traços dele

também na língua, como nas fronteiras subjetivas dos territórios da mandioca, do aipim e da macaxeira.

Durham parece privilegiar o som à grafia ao escrever de modo errado desde que o som pronunciado seja o mesmo. É um exercício que perturba o princípio da correção gramatical, transferindo o vetor do sentido para o corpo e o som que ele produz. Como um retorno da “verdade” da linguagem para a língua da boca, longe da verdade da escrita.

Ele diz que o mundo conhece o mundo através de línguas europeias. Tenho interesse em conhecer o mundo de outras maneiras, especialmente esse mundo onde o centro não é um objeto, mas um movimento. Que infeliz esse distanciamento via romantismo que nos impede de conhecer um idioma ameríndio. Fico feliz de ter esclarecido que aquele idioma no ensaio “Gado usdi hia?” é mesmo o *cherokee*. Busco conhecer outros mundos das outras linguagens, pois concordo com Durham quando ele diz que diferentes modos de linguagem fazem as pessoas agirem diferentemente no mundo. Mas reconheço meu otimismo: penso que isso possa melhorar a forma com a qual as pessoas se relacionam entre si e com as alteridades. A certeza definitiva e exclusiva de um olhar único sobre um só mundo cria abismos⁷.

Sim, Durham, a verdadeira luta é a de nos tornarmos seres melhores. Despatriarcalizar e descolonizar são passos fundamentais neste processo. Em sua trajetória, ele desenvolveu uma posição de onde opera uma crítica ao pensamento ocidental, colonizador, a partir de sua perspectiva particular. Já elaborar uma crítica ao patriarcado parece ser mais complicado para ele. Homens cis vêm de culturas patriarcais tanto no Ocidente como fora dele. Como diz o coletivo de arte e ativismo feminista *Mujeres Creando* da Bolívia, a luta é contra 500 anos de colonização e 5000 anos de patriarcado. É curioso como, ao falar do abuso do poder patriarcal, ele passa a falar de animais. A saída para outras espécies pode ser entendida como um movimento em busca daquela perspectiva particular, de fora, que permite um olhar em paralaxe para a crítica de um determinado assunto.

⁷ SANTOS, B. S., *Novos Estudos*, n.79, p.71. O sociólogo português Boaventura de Sousa Santos argumenta neste ensaio que “as linhas cartográficas ‘abissais’ que demarcavam o Velho e o Novo Mundo na era colonial subsistem estruturalmente no pensamento moderno ocidental e permanecem constitutivas das relações políticas e culturais excludentes mantidas no sistema mundial contemporâneo. A injustiça social global estaria, portanto, estritamente associada à injustiça cognitiva global, de modo que a luta por justiça social global requer a construção de um pensamento ‘pós-abissal’”.

Ao se afastar do conjunto da espécie específica, o macho humano se torna apenas mais um dos machos mamíferos. Com tal distanciamento, as palavras de Durham colocam o homem no espelho, e ele aparece como este tipo específico de macaco, o macaco humano. Não há juízo de valor, pois chamar um ser de animal não é menosprezo. Ao escutar a fala dele, aquela que Zurique não quis, outra ação aparece urgente: para podermos ser melhores, precisamos descolonizar, despatriarcalizar e ainda *desantropocentrar*. Acabar com a petulância da superioridade humana auto-atribuída. Espero que as palavras de Durham contribuam para uma autocrítica masculina, para que possamos contornar a “loucura de macho” sem reproduzirmos o padrão opressivo. É tempo.



Mujeres Creando, ação de rua, Bolívia, sec. XXI